

# ONG ATELIER SALADERO

Entidade de Utilidade Pública, Barra do Quaraí-RS, Brasil

## **O Olhar das Crianças Sobre a Barra Antiga**

**Direcionando um olhar pensante**

Argemiro Rocha

Barra do Quaraí

2010

## **Apresentação**

Em agosto de 2007, a ONG Atelier Saladero começou a desenvolver um trabalho de resgate histórico no município, com o projeto "O Olhar das Crianças sobre a Barra Antiga". A maior tarefa foi incrementar aspectos para fortalecer no estudante a memória local e dessa forma reforçar a noção de povo consciente de sua história e de sua identidade social. A proposta da ONG Atelier Saladero possibilitou a aproximação da identidade dos alunos com o contexto sócio-cultural no qual a comunidade da Barra do Quaraí está inserida.

## **Problemática**

Como iniciar a criança-estudante da Barra do Quaraí no processo de produção do conhecimento histórico? Diante dessa questão, a ONG Atelier Saladero buscou desenvolver uma ação pedagógica que envolvesse a leitura, a literatura e a escrita, trabalhando o "ontem" através das fotos antigas das famílias e da cidade. Visamos fazer a criança observar, pesquisar, registrar, refletir, avaliar e planejar, para resgatar e analisar a história da nossa comunidade,

## **Objetivo Geral**

Trabalhar a noção de tempo, fundamental para o pensamento histórico, sendo que a criança aprenderá a pesquisar, observar e analisar as transformações ocorridas no meio físico e social, refletindo sobre as mudanças e permanências ocorridas ao longo do tempo.

## **A Fotografia Como Instrumento**

"A fotografia serve como fonte histórica ou como documento, como registro que transmite uma informação ou comprova uma afirmação, é sempre produto da visão de realidade privilegiada pelo fotógrafo, mas que ao ser contemplada, passa pela visão, pela interpretação daquele que vê.

Assim, desenvolvendo este trabalho, envolvemos o estudante em observar, pesquisar, registrar, refletir, avaliar e planejar, para resgatar e analisar a história da Barra do Quaraí, trabalhando o "ontem" através de fotos antigas da cidade.

No Projeto - "O olhar das crianças sobre a Barra do Quaraí" tentamos guardar, prender fragmentos do tempo vivido que nos é significativo, para mantê-lo vivo.

## **O Projeto e sua Experiência**

A ONG observou que a cidade da Barra do Quaraí tem um grande potencial histórico, infelizmente completamente abandonado, esquecido pela ausência de políticas públicas voltadas para a cultura. Não se dá a devida importância para a história local. A ONG, então, elaborou um projeto baseado nas fotos antigas da cidade com o sentido de resgatar o passado.

Assim, a partir de 2007, começou a anunciar pela rádio o começo de um projeto contando fatos antigos da cidade. O passo seguinte foi escrever um projeto sobre fotos antigas e começar uma pesquisa dessas fotos. Saiu às ruas e procurou algumas famílias coletando material fotográfico. Com uma boa quantidade em mãos, procurou a escola 22 de Outubro em 2008 e fez uma reunião com todos os professores expondo as fotos. Explicou o projeto e os professores se entusiasmaram. Em sala de aula, começaram a pedir mais fotos para os alunos. Pela rádio a ONG pedia as fotos para as famílias e o jornal Folha Barrense começou a publicar mensalmente uma coluna "Barra Antiga" com uma dessas fotos cedidas pela comunidade e guardadas nos arquivos da ONG Atelier Saladero. Até hoje, recebemos as fotos enviadas pelos alunos ou por pessoas da comunidade. Eles

vem até nós e entregam. O projeto teve boa aceitação, e frutificou pois atualmente muitos trabalhos escolares como redação e pesquisa reportam-se à Barra Antiga e sua história. Em documentos publicados pela ONG em sua página [www.barradoquarai.net](http://www.barradoquarai.net), pode-se ler:

*"Os alunos estavam acostumados a entender a história sentados mudos diante do professor, decorando as datas e repetindo os fatos que são obrigados a ler e a estudar na escola. Por exemplo: faz parte da história como eles a conhecem o descobrimento do Brasil. Eles sabem que Don Pedro Alvares Cabral chegou de Portugal nas caravelas. Sabem que os portugueses foram recebidos pelos índios. E isso é história. Esses alunos não tinham noção de que uma foto antiga guardada na gaveta dos seus avós podia conter um mundo de histórias. Que aquele passado podia ser estudado. Ou podia interessar a outras pessoas. O mais importante foi tirar da cabeça deles de que tudo o que é velho é sem importância. Tudo o que é velho é uma tapera. E só o novo importa. Só o futuro interessa. Com esse projeto a ONG lançou para eles um novo olhar sobre as coisas antigas. Perceberam que o ontem e o hoje também faz história. E que eles, alunos, estão fazendo parte da história. porque aquilo que estão fotografando ou escrevendo hoje será uma informação importante no futuro."*

O projeto sobre as fotos antigas teve dois pontos fundamentais que os alunos retornaram como resposta:

1º - a questão da identidade: a Barra é uma cidade recém emancipada que ainda não enxergou sua identidade específica. Quem somos? Com o projeto, os alunos conheceram o universo do Saladero, sua ligação com a Tríplice Fronteira, entenderam a sua geografia como fazendo parte de três culturas. E que isso é único e os diferencia dos outros dentro do Brasil.

2º - A questão da história. Que nós saberemos entender a grande história se soubermos nos interessar pela pequena história, a história das nossas famílias, os pequenos casos, a vida cotidiana dos nossos avós, etc.

### **A Reconstrução da História Dentro das Casas**

Em nossa análise, vimos nas histórias que os alunos começaram a contar, com base nas fotos, um direcionar-se para a questão da família. Eram casos pitorescos que passaram de geração em geração acontecidos dentro de casa. Neste

espaço, prevalece a valorização dos sentimentos, das contrariedades, enfim da construção da memória íntima. Os álbuns familiares, as fotos amareladas tornou-se uma espécie de lugar das relações, e dos encontros em torno de casos acontecidos.

Alunos reviveram os tempos que não voltam mais "de tardinha, depois do jantar, sol ainda de fora, as avós colocavam as cadeiras de balanço na calçada em frente das casas e ali mesmo recebiam outras visitas que sentavam um instante, tomavam chimarão e conversavam. Eram verdadeiras aulas de sabedoria de vida. E ali se aprendia mais do que nas faculdades".

A presença das cadeiras nas calçadas representa parte da cultura gaúcha. Um costume das cidades do Rio Grande do Sul que está desaparecendo. Ninguém conversa mais como antes. Ficam trancados nas salas, mudos diante da televisão. Conversar na calçada, era uma forma de preservar a identidade do local que encontra o seu foco privilegiado no universo das relações comunitárias. Nossos avós tinham muito apreço por suas raízes.

Os pais contavam aos alunos que quando caía a noite todos entravam para a sala e era conversa e mais conversa, histórias de assombração, novela radiofônica, cantores e trovadores e no jardim o namoro dos casais.

Essas cenas surgiram com naturalidade lembrando o que os antigos contavam. É a nossa memória social resgatada pelo olhar dos adolescente sobre as fotos antigas.

Nesse sentido, podemos Imaginar o que deve ter sido, para as crianças atuais, aquela árvore mal-assombrada que ainda existe à saída da Escola Nilza Corrêa Pereira, onde aparecia a assombrada Mulher de Branco contada nas histórias. Há crianças que passam por ali acanhadas, com medo e admiração, lembrando do drama relatado pelos avós e pelos adultos.

Tudo isso vem pouco a pouco emergindo da ancestralidade que, infelizmente, os tempos modernos foram dissipando.

Um fragmento afirma a importância desse resgate: as lavadeiras do rio Quaraí. Que bela cena imaginar aquelas senhoras, lavando e cantando à beira das águas do rio Quaraí... Uma cena digna de pintura que a realidade apagou para sempre de nossas margens.

Pelo que contam os antigos, todas as mulheres da antiga Barra do Quaraí foram lavadeiras no rio. Dona Puluca era uma das mais conhecidas por ser a mais antiga e a que ficava o dia todo nas pedras mouras da pedreira, lavando, batendo e coarando as roupas de toda a sua clientela. Muitas famílias solicitavam os seus serviços.

Dona Puluca, de cor morena, mas com a alma pura e branca como a geada nas manhãs de inverno, chegou, certa vez, a lavar doze trouxas de roupas! Seu marido, o paciente seu Flor, ia buscá-la de carroça lá na costa do Quaraí. Voltava com pilhas de roupas secas para, em casa, agarrar o velho ferro fumacento de brasa, varando as madrugadas passando roupas.

Assim criou os filhos. E as mãos, que eram escuras, foram-se tornando brancas com a doce água corredeira do amigo Rio Quaraí. Pelo cair das tardes, podia-se se ver, a lavar roupas, aquelas boas senhoras: Puluca, Lentina, Diamantina, Megissa, Tôta, Militona, Selvina, Geni, Marica, Vitalina, Godoy, Eulália, Daca, Maria, Ângela, Potota, Blondina, Linta, Chichila, China Larda, Hilária, Cipriana, Paula, Soila Sosa.

E assim, trabalharam e amaram este chão que lhes dava a água para o serviço, cantando, levando a vida, lavando os mijados dos filhos e as roupas da clientela...

Outro grupo interessante de histórias revelados pelas fotos antigas: as parteiras de campanha.

As parteiras de campanha da Vila da Barra do Quaraí foram: Dona Megissa, Dona Militona, Dona Geraldina, Dona Zoraide, Dona Francisca e Dona Gleci Bruck. Nas situações de parto, Dona Megissa era uma das mais procuradas, tanto na vila, como no interior. Por várias vezes, ela quebrou o gelo do inverno, de carroça, para atender a um chamado, lá no fundo das estâncias. Chegava na casa onde alguma mulher ia parir e logo atiçava o fogo pra água ferver e limpar o material...

Pedia sempre panos bem lavados. Bacia de boca grande. Enquanto pitava um palheiro, aprontava a tesoura e uma imagem da Santa Parteira. Na espera, muitas vezes se ia lentamente a madrugada, mas ela não arredava o pé do lado da cama da mulher.

Dona Megissa apenas ponderava, fumando seu palheiro:

-- Deve ser cambio de lua... por isso o borrego está atrasado.

Remexia as brasas para avivar as chamas do fogo que aqueciam a água. Lá fora, o galo já cantava vendo as barras do dia despontando.

E a voz de Dona Megissa afirmava, confiante:

Não passa de hoje!

O trabalho de parto começava sob a luz fraca da lamparina, a querosene, que tisonava a quinchã de Santa Fé. Em certo momento, um choro de criança. Dona Megissa, limpando o suor da testa, gritava para todos saberem: nasceu outro pelotudo!

E assim se sucede um interminável rosário de histórias sem fim. A história da vila acontece dentro das casas, nas estâncias, nos lares. Um desses "causos" documenta a precariedade e a falta de recursos naqueles antigos tempos:

Estância e Granja Santa Tereza. Paulo Dovige, o pai. Sandra Beatriz, a mãe. Os filhos: Sandra, 4 anos e Paulo, de 2 anos. Sandra Beatriz grávida estava do terceiro filho e esperava a qualquer momento. Paulo saiu para a granja, mas logo depois voltaria para rumarem a Uruguaiana a fim dela ter o bebê.

Paulo saiu e as dores foram aumentando...

A filha Sandra, de 4 anos, sabia o sinal para chamar o pai em caso de emergência. Correu até a cerca e ergueu uma taquara com um pano branco: era o aviso para o pai. Paulo não viu o aviso. As dores em Sandra continuaram, terríveis. Ela pede ajuda para a sua pequena, de 4 anos:

-- Me ajude filha, o bebê está chegando.

Paulo, o pai não vem e o desespero bate à porta da casa, onde aquela mulher angustiada está sozinha com duas crianças. Sandrinha alcança a água e limpa o suor do rosto da mãe, prostrada na cama.

O nascimento começa a acontecer, porém é impossível, apenas com as forças do corpo, expelir o bebê. Desfalecida, gemendo, contraindo-se de dor, Sandra consegue sussurrar:

-- Minha filha, pegue a cabeça do nenê e puxe aos poucos...

Sandrinha vendo a mãe agonizante, esforça-se para puxar, puxar e consegue com as mãosinhas inocentes dar a vida à pequena Maria, da qual é irmã e parteira. Paulo chegou e lá em cima da cama estavam Sandra Beatriz, Sandrinha e Maria.

São os pequenos casos que revelam grandes dificuldades suportadas por almas superiores a qualquer adversidade.

Ao recontar e, posteriormente, publicar esses casos em parceria com João Albino da Rosa, teve a ONG Atelier Saladero o objetivo de falar à juventude da fronteira. Através da memória do olhar, o jovem revive essas lembranças e revela como o presente destruiu o patrimônio cultural do Saladero e a união da família de outrora.

Vivemos entre ruínas: as do Saladero e as da nossa história. Conseguimos, pelo menos, que o jovem amasse essas ruínas. Hoje, depois do projeto da ONG, fotografias do Saladero ilustram cadernos e murais escolares. São fotos tristes, mas refletem o interesse em não esquecer pedaços do passado. As fotografias, nesse caso, ativam a memória do olhar. Essas fotografias mostram a marca cultural de uma época e de uma região onde a prosperidade era grande. Havia alegria, música e histórias. Os ingleses ensinaram ao povo o nosso futebol. Desse futebol praticado à sombra da grande fábrica nasceu o Clube 7 de Setembro, hoje com 98 anos de idade, um dos mais antigos do Rio Grande do Sul.

Os ingleses construíram a ponte de ferro que liga Brasil ao Uruguai. Muitos casos de barrenses que atravessaram a ponte de ferro, que ainda a viram em atividades. Por ali passou o trem e depois do trem, os carros, os caminhões. Velha ponte que permaceu como um testemunho das grandezas de antes. Época de poesia e paixão, em que se trabalhava cantando...

As fotos trouxeram lembranças da épocas das balsas: imensas toras de árvores boiando pelo rio Uruguai, viajando de cidade em cidade. Os avós contam os temporais no rio, a escuridão revolta das águas furiosas desarticulando os troncos amarrados, espalhando e afundando tudo... Vidas salvas dos balseiros que saiam nadando na tempestade e uma riqueza afundada no rio...

## Discursos e Identidade Cultural

Remexer nas fotos antigas guardadas pelas famílias da Barra do Quaraí faz reviver o tempo em que a vila foi grande, próspera e feliz. Faz lembrar de dias melhores. Essa busca do tempo perdido faz com que o aluno reencontre esses valores na memória dos mais velhos. Dessa forma reconstitui o passado, a cultura e a sociedade barrense.

Todas essas impressões a ONG Atelier Saladero foi coletando, armazenando e em 2009 auxiliou o escritor popular João Albino da Rosa a escrever um livro publicado em 2009 na Barra do Quaraí. O pano de fundo das histórias, foram as fotos antigas recolhidas pelos alunos. No prólogo desse livro está escrito:

*Estas páginas contam histórias tão antigas quanto a velha ponte de ferro. Histórias nunca escritas, mas também jamais esquecidas, porque foram passando de geração em geração, nas conversas dos avós, à beira dos fogões, enquanto mateavam as saudades... Histórias recolhidas com carinho, para fazer uma justa homenagem às famílias que formaram nossa identidade e ensinar o jovem barrense atual a folhear as páginas do seu passado aprendendo a beleza dos tempos idos. Tudo o que há de mais profundo, no coração humano, vem da família. A família é a fonte do amor, da religião, da moral, da sociedade. Por isso, este livro procura retratar os costumes e o bom viver da família barrense de outrora, neste momento em que o mundo cada vez mais globalizado pode nos fazer perder o sentido dos valores que formaram a origem de nossa comunidade.*